

Bem-estar animal em abrigos






Bem- estar animal em abrigos

Projeto de extensão UMEES-UFPR

(2020)



UMEES. *E-book: Bem estar animal em abrigos*. Projeto de extensão Manejo Populacional de cães e gatos e da Unidade Móvel de Esterilização e Educação em Saúde – MPCG-UMEES UFPR.

Medicina Veterinária do Coletivo, 2020.

Editado e confeccionado em 2020. Medicina Veterinária do Coletivo

Mídias Sociais do Projeto

Site: <http://www.agrarias.ufpr.br/portal/mvc/>

Instagram: @mvcufpr

Facebook: UMEES UFPR- Unidade Móvel de Esterilização e Educação em Saúde

Coordenadora Docente: Rita de Cassia Maria Garcia

Docente do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da Universidade de São Paulo. Possui Mestrado e Doutorado no Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal da FMVZ/USP em Epidemiologia Experimental Aplicada ao Controle de Zoonoses. Especialização em Saúde Pública, Bem-estar Animal, Patologia Clínica, Homeopatia e Medicina de Abrigos pela University of Florida. Pós-doutorado pelo Departamento de Medicina Legal, Ética Médica, Medicina Social e do Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Coordenador Residente: Aaronson Ramathan Freitas

Médico Veterinário graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Coordenador do Projeto de Extensão Barco Saúde Única.

Coordenadoras discentes:

Amanda Vieira

Graduanda de Medicina Veterinária (9º Período) na UFPR.

Juliana Silva Moraes de Paula

Graduanda de Medicina Veterinária (9º Período) na UFPR.

Arte de capa e edição: Luana Gabriele Weber

1ª Edição: outubro 2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

Autoras

Giórgia Cabral Marchi

Graduanda de Medicina Veterinária (7º Período) na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Luana Gabriele Weber

Graduanda de Medicina Veterinária (10º Período) na UTP.

Juliana Mendes Vieira

Graduanda de Medicina Veterinária (3º Período) do Centro Universitário ICESP de Brasília.

Magda Elisabete Cristo Silva

Graduanda de Medicina Veterinária (9º Período) do Centro Universitário UNIFAS.

Leila Cristina da Silva

Graduanda de Medicina Veterinária (4º Período) da Faculdade ANCLIVEPA.

Thais Raylla Sena Barros

Graduanda de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Piauí.

Revisores

Lucas Galdioli

Médico Veterinário graduado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR);
Residente em Medicina Veterinária do Coletivo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Amanda Vieira

Graduanda de Medicina Veterinária (9º Período) na UFPR.

Giovana Anchieta Silveira

Graduanda de Medicina Veterinária (4º Período) na UFPR.

Rita de Cassia Maria Garcia

Docente do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Prefácio

O e-book de bem-estar animal em abrigos foi confeccionado por graduandas de Medicina Veterinária de diferentes regiões do Brasil. Foi revisado e corrigido pelos coordenadores, sendo a Médica Veterinária Prof^a. Dra. Rita de Cassia Maria Garcia a coordenadora docente, o Médico Veterinário Lucas Galdioli residente em Medicina Veterinária do Coletivo e as graduandas Amanda Vieira e Giovana Anchieta Silveira coordenadoras discentes, todas integrantes da Universidade Federal do Paraná.

O bem-estar animal refere-se à condição fisiológica e psicológica na qual o animal é capaz de adaptar-se comodamente ao entorno, podendo satisfazer suas necessidades básicas e desenvolver suas capacidades conforme a sua natureza biológica. O grande desafio dos abrigos é garantir bons níveis de bem-estar aos animais e cuidar de suas necessidades individualmente, sem perder o foco no grupo como um todo.

Sumário

INTRODUÇÃO E BEM-ESTAR ANIMAL.....	8
BEM-ESTAR ANIMAL EM ABRIGOS.....	9
ALIMENTAÇÃO E MANUTENÇÃO NUTRICIONAL	10
ESPAÇO E MANOBRAS DE ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL.....	11
MANEJO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	13
PRINCIPAIS DOENÇAS QUE AFETAM OS ANIMAIS EM ABRIGOS	14
MANEJO SANITÁRIO.....	18
CUIDADOS NA INTRODUÇÃO DE NOVOS ANIMAIS NOS ABRIGOS.....	19
DESTINO DOS ANIMAIS LEVADOS AO ABRIGO	21
MANUTENÇÃO DO ABRIGO	22
COMO AJUDAR ABRIGOS?	24
Considerações Finais	25
Referências	26
Glossário e abreviaturas	28

INTRODUÇÃO E BEM-ESTAR ANIMAL



Fonte: Confeccionado pelo aplicativo Canva.

O conceito de bem-estar animal é uma qualidade inerente a eles mesmos, isto significa que os humanos só podem fornecer condições para que os animais possam se adaptar ao ambiente. Sendo assim, o bem-estar deve conter direta relação com conceitos como: necessidades, liberdades, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e saúde¹. Perante a relação de bem-estar animal com os locais onde esses animais domésticos podem ficar, deve-se compreender que o foco está na proteção animal.

Segundo Souza (2016)², os abrigos objetivam ser um refúgio seguro para os animais e funcionar como local de passagem, buscando reabilitá-los, ressocializá-los e reintroduzi-los na sociedade por meio da adoção.

Os locais de proteção animal, podem ser de responsabilidade governamental, privada, de organização não governamental (ONG) ou mista². A sociedade civil organizada e as ONGs de proteção animal têm papel fundamental na implantação de políticas públicas efetivas de MPCG. Sendo entidades privadas, sem fins lucrativos e com o objetivo de adicionar ou mesmo aprimorar algo em uma determinada sociedade, são compostas por pessoas físicas que têm interesse público e o intuito de participar da melhora de algum campo da sociedade merecedor de uma atenção especial do poder público. As ONGs de proteção animal também devem agir como multiplicadores dos conceitos de bem-estar animal, de guarda responsável de animais e das ações mais eficientes para o MPCG, sendo uma referência para a comunidade e o poder público³.

Este e-book abrange aspecto do bem-estar animal em abrigos, partindo de princípios como a alimentação e nutrição, espaço, manobras de enriquecimento ambiental, manejo e prevenção de doenças. Além disso, atenta-se a cuidados na introdução de novos animais no abrigo e para garantir adequado alojamento, recuperação e reintrodução desses animais à sociedade.

BEM-ESTAR ANIMAL EM ABRIGOS



Fonte: Confeccionado pelo aplicativo Canva.

A garantia do bem-estar aos animais em abrigos está intrinsecamente interligada com a capacidade de planejamento e de organização da gestão e dos funcionários. É extremamente importante avaliar a capacidade de prover cuidados do abrigo, de acordo com seus recursos materiais, financeiros e humanos, para assegurar um nível adequado de bem-estar⁴.

Os abrigos recuperam animais abandonados e os reintroduzem na sociedade por meio da adoção, mas não resolvem o problema da presença deles nas ruas e nem do abandono. Por isso é de extrema importância programas de conscientização e manejos populacionais nos municípios².

Para avaliação do bem-estar animal podem ser utilizados instrumentos com base nas cinco liberdades dos animais. Este método avalia as necessidades básicas dos animais, divididas em categorias, sendo elas: fisiológicas e sensoriais, físicas e ambientais, comportamentais, sociais, psicológicas e cognitivas⁴. A rotina dos abrigos exige conhecimento e comprometimento dos funcionários, médicos-veterinários e administradores para programas preventivos efetivos e bons níveis de bem-estar animal³.

Estas vertentes voltadas para abrigos envolvem o fornecimento de alimentação adequada, tratamento e prevenção de doenças, providência de espaços adequados para suas necessidades que garantam condições ideais de vivência, companhia de animais de

sua própria espécie para expressar seu comportamento natural e o exercício de atividades, em conjunto da estimulação ambiental, psicológica e social⁴.

Contudo, é comum que os abrigos se encontrem lotados rapidamente, tornando-se um ambiente favorável para doenças, com conflitos sociais, acomodações inadequadas e ausência de exercícios devido à baixa disponibilidade de espaço. Assim, vale salientar que o abrigo deve ser um local de vivência temporário para animais, com os devidos planejamentos⁴.

ALIMENTAÇÃO E MANUTENÇÃO NUTRICIONAL

Cada animal apresenta uma exigência nutricional específica de acordo com sua fase de desenvolvimento⁵. Sabe-se que a nutrição é um fator fundamental na saúde e qualidade de vida animal, pois todos os nutrientes que uma boa alimentação dispõe afetam um melhor desempenho das atividades vitais e a redução de possíveis distúrbios pela falta destes no organismo. E por ter tamanha importância na saúde animal, a Associação Mundial de Medicina Veterinária de Pequenos Animais atenta que a nutrição de cães e gatos precisa ser reconhecida como um mecanismo indispensável nas garantias de qualidade de vida dos animais de companhia⁶.

A avaliação nutricional na clínica médica tradicional é um processo composto por duas etapas, a avaliação de triagem e avaliação aprofundada, que realizam a avaliação nutricional com informações específicas de cada animal. Em abrigos de animais, a impossibilidade da avaliação nutricional individual, devido ao grande número de animais mantidos em canis e gatis, faz com que sejam necessários parâmetros específicos para a avaliação nutricional coletiva. Dessa forma, os médicos veterinários devem avaliar o manejo adequado de acordo com o perfil dos animais de cada abrigo, realizando um planejamento diário de administração de alimento e água, considerando a quantidade e a qualidade de nutrientes requeridos pelos animais, conforme a espécie, a faixa etária, o porte, a condição e o número de animais alojados⁷.

Para Saad e França (2010)⁷ os fatores referentes ao rendimento e manutenção nutricional incluem: frequência correta de alimentação, rotina de horário para as refeições, e o método para disponibilizar o alimento. Um dos principais problemas das refeições simultâneas de vários cães no mesmo ambiente é a alimentação competitiva entre os animais alojados pela disputa do alimento. Isso pode ser explicado pelo fato de muitos animais amparados por estas instituições serem acolhidos das ruas, ou porque sofreram algum tipo de violência ou distúrbio que desenvolveu a competitividade ou

sentimento de posse do alimento ofertado nos abrigos. É de extrema necessidade observar a linguagem corporal e o comportamento destes animais no momento das refeições coletivas, para avaliar quais animais disputam pelos alimentos, evitar brigas e disputas e que alguns animais fiquem sem se alimentar pelo medo de enfrentar outro^{7,8}.

O manejo alimentar na gestação de fêmeas é muito importante para o desenvolvimento dos fetos e reposição dos nutrientes fundamentais. Desta maneira, as considerações nutricionais devem ser avaliadas dependendo do estado nutricional da fêmea durante a gestação, no pré e no pós-parto, assim como a nutrição do filhote, da infância até a idade adulta⁸.

Dentre os fatores relacionados à dieta, a verificação da densidade calórica dos alimentos ofertados pelos abrigos é importante, principalmente se o animal estiver abaixo ou acima do índice de massa corpórea (IMC) recomendado para a espécie ou tamanho do animal. Avaliações a respeito dos alimentos ofertados podem seguir os critérios de formulação, quantidade de minerais e vitaminas adequadas ao animal, variedade de sabor, e condições de armazenamento nessas instalações, para que todos os alimentos distribuídos aos animais sejam completos e balanceados. Além disso, a criação de sistemas organizados de oferecimento da alimentação e o uso de outras fontes por meio do enriquecimento ambiental alimentar auxiliam no bem-estar dos animais⁹.

Para um melhor desenvolvimento e manutenção corporal dos animais acolhidos das ruas é necessário que sejam ofertadas quantidades adequadas de minerais, proteínas, aminoácidos, vitaminas, carboidratos e ácidos graxos para atender as necessidades nutricionais básicas, e o fornecimento de energia para a potencialização de um metabolismo energético eficaz e a manutenção do desenvolvimento do animal. Desta forma, a nutrição dos animais de abrigo atua juntamente com a prevenção de doenças, por evitar a exposição a riscos como as afecções renais, do trato urinário, problemas gastrointestinais, digestivos e nutricionais¹⁰.

ESPAÇO E MANOBRAS DE ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL

O enriquecimento ambiental é um conjugado estratégico para modificar o ambiente físico e social para melhorar a qualidade de vida do animal. Disponibiliza

condições para os animais esboçarem seus comportamentos e estimularem de diferentes formas, sendo física, sensorial, cognitiva, social e alimentar¹¹.

Nos abrigos, o enriquecimento ambiental é de extrema importância para movimentação física e integridade psicológica dos animais, diminuindo o estresse e aumentando a interação entre os animais de mesma espécie. Porém, essa realidade não é muito habitual, sendo de recorrência maior apenas a preocupação com suas necessidades básicas alimentares e de higiene¹².

De acordo com Arruda *et al.* (2019)¹², dentre 18 (dezoito) abrigos que participaram da pesquisa, de 17 (dezessete) municípios diferentes, todos mantinham cães, 7 (sete) mantinham gatos e 8 (oito) mantinham cavalos. Apenas 4 (quatro) abrigos incluíram algum tipo de enriquecimento ambiental, tal como bolinhas e garrafa PET para cães e arranhadores para gatos; além de afirmarem levar os animais à área externa com frequência diária^{12,13}.

Com base em estudos, existem diferentes métodos de enriquecimento ambiental para serem utilizados em um abrigo de animais, que implicam em baixo ou nenhum custo e que auxiliam na diminuição de impactos ambientais¹³. Através de reciclagem de resíduos sólidos para confecção de brinquedos e dormitórios, por meio de garrafas PET, pneus, cordas, restos de tecido, caixas de madeira e papelão¹¹.

O estudo de MONTEIRO *et al.* (2017)¹⁴, avaliou a satisfação e aceitabilidade de nove cães em um abrigo diante a manobras recicláveis de enriquecimento ambiental. Os cães foram observados por dois dias frente aos brinquedos, no primeiro dia a maioria dos cães demonstrou medo e receio dos brinquedos. No segundo dia todos os animais demonstraram interesse pelos brinquedos, principalmente as garrafas com ração e as tranças.

De acordo com experimentos de Baptista *et al.* (2017)¹¹, que realizou experimentos de enriquecimento ambiental em um abrigo de gatos domésticos no Recife, com uma população de 101 animais, a confecção de brinquedos proporcionou uma melhora do bem-estar e da qualidade de vida dos animais confinados. Foram criados dois tipos de brinquedos com garrafas PET, com bolas e com ração; além do emprego de caixas de madeira^{10,11}. Neste caso, a caixa de madeira foi bem aceita e utilizada como local de abrigo. Dentre os brinquedos de garrafa pet, o que continha ração apresentou maior aceitação pelos animais do que as com presença de bolas¹¹.

Assim, ressalta-se que o enriquecimento pode ser efetuado com brinquedos de baixo custo e de simples confecção que proporcionam uma melhora do bem-estar e da

qualidade de vida dos animais de abrigos, tornando-os mais felizes e mais sociáveis entre si e com as pessoas ^{11,12}.

MANEJO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS

Segundo Galdioli e colaboradores (2020)³, as informações de estratégias efetivas do gerenciamento das doenças e dos protocolos de gestão e de estruturas ainda são baseadas em dados científicos limitados, em pareceres de especialistas e na clínica coletiva de médicos veterinários de abrigos.

Uma maneira de garantir a saúde e bem-estar dos animais é praticar a medicina veterinária preventiva. Entende-se por medicina veterinária preventiva como a prática de prevenção de possíveis doenças pela promoção da proteção e vigilância da saúde animal e pessoas que convivem com o mesmo. Dentre as técnicas exploradas pela medicina veterinária preventiva, a administração de vacinas é uma das mais importantes, pois sua atuação é fundamental na prevenção e controle de doenças infecciosas, na transmissão de zoonoses e por ser um método muito eficaz, pois estimula produção de anticorpos pelo organismo, formando uma barreira de proteção para a ação no contato de diferentes patógenos. Dessa forma, é fundamental que as instituições de abrigos de animais sigam um plano de vacinação adequado e baseado na ciência da medicina de abrigos como forma de evitar e/ou diminuir a proliferação de doenças infecciosas nestas instalações, uma vez que a vacinação é um componente essencial dos programas de prevenção de gestão de saúde para animais de abrigos^{3,14}.

Outro método importante é o controle e acompanhamento do estado de saúde dos animais, o que remete a necessidade da atuação direta de um profissional Médico Veterinário para o atendimento nos abrigos. Este deve analisar as condições de saúde do animal por meio de exames clínicos, físicos, laboratoriais, comportamentais, além de realizar a verificação da alimentação, o consumo de água e avaliar as condições de bem-estar, conforto, interação e qualidade de vida dos animais alojados¹⁴.


O controle de ectoparasitas também é um método muito importante para regulação de transmissão e infestação de parasitas nos animais de abrigos, pois o aparecimento destes podem provocar graves doenças aos animais. Portanto, a detecção de parasitoses é importante para o planejamento de medidas sanitárias de controle, evitando assim possíveis surtos de doenças parasitárias e algumas zoonoses¹³.

A manutenção nutricional destes animais também é analisada como um ponto primordial da medicina veterinária preventiva. Avaliações de peso dos animais

associado aos ingredientes apropriados para cada especificidade oferecem uma vida saudável e minimizam as disposições a diversas doenças¹⁴.

Portanto, praticar a medicina veterinária preventiva é fundamental para o controle da vacinação, alimentação nutricional, parasitas e acompanhamento clínico. Propiciando assim a prevenção de possíveis doenças¹⁵.

PRINCIPAIS DOENÇAS QUE AFETAM OS ANIMAIS EM ABRIGOS



Elementos do manejo sanitário como vacinação e controle de parasitas em abrigos são fundamentais. Algumas doenças são originadas pela presença de parasitas que podem levar a patologias que, além de enfraquecer a saúde dos animais, podem ocasionar o óbito¹⁶.

A higienização é um dos métodos mais importantes na prevenção de doenças infecciosas. Medidas de higiene inadequadas e imunização deficiente podem favorecer surtos de doenças infecciosas¹⁷.

De acordo com Oliveira (2019)¹³, a utilização de produtos de limpeza que tenham controle na redução de infestações nas instalações, evitam o acúmulo de vírus, bactérias, fungos e parasitas no ambiente a qual se encontram os animais. Os processos de limpeza e antissepsia promovem a quebra do ciclo microbiano no ambiente. Portanto, a assepsia desses animais alojados é fundamental para um sistema apropriado e efetivo de manejo sanitário nos abrigos.

A íntima relação dos animais em abrigos com alta densidade animal pode ocasionar na expressão “doença do risco acumulado”, a qual ocorre quando protocolos de higienização e antissepsia não são realizados de forma adequada^{13, 16}. As condições financeiras dos abrigos refletem diretamente na gestão e administração dos recursos financeiros que são ofertados aos mesmos. Alguns fatores como a alta densidade animal e deficiência nas medidas e protocolos de higiene são responsáveis pela dispersão e aumento de doenças infecciosas nos abrigos¹⁶.

É perceptível que os funcionários ou voluntários que trabalham nos abrigos são muito motivados com a causa animal. No entanto, por falta do conhecimento da medicina de abrigos e capacitação, a higienização nos abrigos em grande maioria não é

realizada adequadamente e essas deficiências refletem de forma significativa e propicia para uma maior propagação de infecções nos abrigos¹³.

Dessa forma, o profissional responsável pelo abrigo deve orientar todos os responsáveis pelos cuidados e assistência aos animais alojados para que os protocolos de manejo sanitário sejam cumpridos de forma adequada. Para isso, vale instituir projetos de manejo preventivo nos abrigos para os animais recém-admitidos, como a quarentena, adoção de medidas de higiene de forma correta, imunização e castração¹⁵.

A- Doenças que acometem gatos em abrigos

Quando identificado alguma possível doença infecciosa, o diagnóstico pode ser feito por meio da anamnese, exames clínicos e laboratoriais. Os animais com suspeita e sinais clínicos devem ser levados ao isolamento, alojamento apropriado para diminuir a proliferação da doença, evitar propagação da doença e surtos, e avaliar incubações de infecções pelo parvovírus e calicivírus ou até a reativação de infecções comumente pelo herpesvírus felino, dentro outros patógenos. Os animais que entram no abrigo precisam permanecer em quarentena, em que o período deve ser analisado com cada abrigo particularmente, porém com recomendação mínima de duas semanas até, idealmente, seis semanas, se levar em conta a possibilidade de soroconversão para o Vírus da Imunodeficiência Felina (FIV) e de detecção de viremia pelo Vírus da Leucemia Felina (FeLV)¹⁸.

Dentre as doenças mais comuns em que atingem uma grande população de felinos em abrigos podem ser:

- Leucemia Felina – FELV

A FELV é uma desordem mais comum em felinos acima de cinco anos, causando diversas alterações neoplásicas, degenerativas e imunológicas. No entanto, os animais infectados podem ficar assintomáticos por anos¹⁸.

A transmissão ocorre a partir do contato dos gatos com outros infectados ou fômites. O tratamento é paliativo e a vacinação em abrigos é recomendada para gatos com até um ano de idade, sendo de grande importância em abrigos, para manutenção e prevenção de saúde dos animais, caso contrário devem permanecer isolados em áreas separadas da população dos gatos saudáveis no abrigo¹⁸.

- Vírus da Imunodeficiência felina – FIV

O vírus da imunodeficiência felina é altamente ofensivo ao sistema imunológico dos felinos, pois atinge os mecanismos de defesa corporal e reduz a capacidade de reação imunológica dos infectados. Dentre as formas de transmissão, as principais envolvem o contato com fluidos infectados, como o sangue de um animal infectado, que pode ser facilitado por procedimentos clínicos ou brigas entre gatos. Um animal contaminado com o vírus da imunodeficiência felina está suscetível pois ainda não existe cura para a FIV, estabelecendo assistência e tratamentos paliativos para que seja ofertado bem-estar e qualidade de vida ¹⁸.

- Panleucopenia felina - FPV

A panleucopenia felina é uma doença viral da família *parvoviridae*. Sua transmissão ocorre por contato direto e indireto, principalmente através de fluidos contaminados. Apesar desta infecção ter efeitos agressivos, existem formas de tratamento acessíveis¹⁸.

É importante ressaltar que a separação do gato doente dos demais saudáveis é fundamental. Além disso, é indicado seguir o protocolo vacinal do abrigo aliado ao manejo sanitário¹⁸.

- Peritonite infecciosa (PIF)

A peritonite infecciosa é uma doença acometida pelo vírus da família *coronavírus*, muito recorrente em locais com grandes concentrações de gatos. É transmitida pelo contato direto com secreções e excreções, como saliva, urina e fezes¹⁸.

O vírus provoca inflamações e acúmulo de líquidos nas membranas das cavidades torácicas e abdominais dos animais infectados. Ainda não há cura da doença, apenas realizam-se tratamentos paliativos para garantir uma qualidade de vida para o animal ¹⁸.

A disposição dos recintos do abrigo ou a adaptação de alojamentos auxilia diretamente no controle de doenças infecciosas. O ideal é que existam no mínimo quatro áreas distintas como: área de quarentena para novos integrantes; área de isolamento para gatos doentes ou portadores de infecções; área para acomodar gatos saudáveis retrovírus negativos; área para acomodar gatas gestantes ou em lactação e suas ¹⁸.

B-Doenças que acometem cães em abrigo

Dentre as doenças mais comuns em que atingem uma grande população de cães em abrigos, tem-se:

- Parvovirose

Ocasionada por um vírus resistente ao ambiente e de ação letal ao animal, a parvovirose provoca lesões na mucosa intestinal do indivíduo, diarreia sanguinolenta, rápida e severa desidratação. Há maior incidência em filhotes com menos de 6 meses, em média cerca de 80% dos filhotes que entram em contato com vírus da parvovirose vem a óbito quando não é ofertado o tratamento adequado a esse animal¹⁹.

- Cinomose

A cinomose é fortemente contagiosa, a qual um animal não precisa ter contato com outro infectado para contrair a doença, basta simplesmente estar no mesmo local ou entrar em contato com objetos e fômites, dessa forma é importante que os animais infectados sejam isolados, além de adotar protocolos de manejo sanitário e higiene¹⁹.

Dentre os sinais clínicos da cinomose, são observados principalmente febre, apatia, vômito, perda de apetite, secreção nasal, ocular e problemas neurológicos²⁰.

- Parainfluenza

Ocorre com mais frequência durante o período de inverno, é muito conhecida como o agente causador da tosse dos canis ou a gripe dos cães. Esse vírus se origina com uma tosse insistente nos animais e febre, afetando diretamente o sistema respiratório. A transmissão ocorre entre animais que possuem o vírus ou fômites contaminados²¹.

- Leishmaniose

Parasitas se multiplicam ao entrar na corrente sanguínea por meio da picada de flebotomíneos nos cães que são seus principais hospedeiros. A leishmaniose é uma doença que deve receber uma atenção primordial nos abrigos de cães por se tratar de uma zoonose, e por não ter um tratamento efetivo ainda. É somente possível proporcionar a qualidade de vida ao cão, e na maioria das vezes causa óbitos, por isso, devem seguir rigorosamente as medidas de prevenção e manejo sanitário em abrigos²¹.

- Sarna

A sarna é uma patologia parasitária causada por ácaros que acometem a pele dos animais, onde se alimentam e multiplicam, de fácil transmissão. Existem vários tipos diferentes de sarna, dentre elas a sarna sarcótica (zoonose) conhecida como escabiose, que pode acometer todo o corpo do cão, a sarna demodécica pode apresentar uma mancha focal ou em todo corpo do animal, e a sarna otodécica se limita apenas a região do ouvido²².

A sarna é caracterizada pelo aparecimento de manchas na pele e erupções cutâneas, podendo ou não estar associada a coceira intensa. Dessa forma, é importante evitar o contato entre animais doentes e animais saudáveis nos abrigos²².

- Raiva

A raiva canina é uma doença viral zoonótica, transmitida por inoculação profunda, que pode ser por mordida ou arranhaduras, por meio das unhas ou garras de um animal infectado a um saudável ou até mesmo aos humanos. O vírus da raiva se multiplica nas glândulas salivares, por isso a saliva é o local com maior concentração do vírus²³.

A identificação de animais infectados em abrigos é muito importante para minimizar o contágio ou até mesmo evitar acidentes. Para isso, é fundamental que os funcionários do abrigo sempre analisem o comportamento dos animais, para que posteriormente sejam separados. Deve-se sempre executar os protocolos prevenção pela aplicação da vacina antirrábica nos animais de abrigos²³.


MANEJO SANITÁRIO

Sabe-se que a vida coletiva favorece de forma significativa a transmissão de doenças infecciosas, nas mais variadas espécies, dessa maneira é sempre importante que os funcionários ou voluntários dos abrigos tenham ciência da necessidade de separação de animais saudáveis e não saudáveis antes da introdução de novos animais²⁴.

A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) faz algumas recomendações para a redução dos índices de transmissões contagiosas nos abrigos. Estabelece a necessidade de oferta de um planejamento apropriado para o controle de doenças, desde alteração da estrutura física para ambientes de quarentena e isolamento, até manejo alimentar adequado de acordo com a especificidade dos animais alojados, adoção de calendários vacinais e medidas de higiene nos alojamentos²⁵.

Entretanto, em casos de grande quantidade de gatos, o ideal é que os grupos de animais sejam separados de acordo com sua especificidade, para reduzir a transmissão de doenças infecciosas, mas para isso, é recomendado a disposição de uma arquitetura nos sistema de alojamento para satisfazer o conforto e o bem-estar dos gatos ¹⁸.

Além desses aspectos, é importante ressaltar que independentemente do local do abrigo, medidas de segurança devem ser adotadas para que o ambiente seja seguro e livre de riscos de acidentes aos animais. Com objetivo de minimizar ocorrências de possíveis lesões nos animais pela presença de materiais cortantes ou pontiagudos, ou até evitar que objetos se desloquem por meio de janelas e portas, as quais são recomendadas o emprego de sistemas de travas de segurança, para diminuir a probabilidade de riscos de acidentes aos animais ²⁴.



Os gatos são animais minuciosos e higiênicos, dessa forma é necessário manter seus ambientes limpos. Com a caixa sanitária de areia suja, o animal pode deixar de utilizar, podendo ocasionar retenção urinária e fecal e posteriormente o surgimento de patologias trato urinário ou obstrução de órgãos ¹⁸.

CUIDADOS NA INTRODUÇÃO DE NOVOS ANIMAIS NOS ABRIGOS

A admissão de novos animais dependerá de alguns fatores logísticos, como o número de animais já presentes no local, considerando sua capacidade, e qual será o procedimento realizado neste novo animal. Os abrigos que optarem por não receber este animal, podem realocar em lares temporários, buscar outros abrigos parceiros, dentre outras opções. A partir do momento em que o animal é admitido no abrigo, este deve possuir acompanhamento técnico continuamente, possuindo assim um registro individual^{4,13}.

Todos os novos animais devem passar por uma avaliação médico-veterinária inicial, determinando seu estado de saúde e para qual setor do abrigo será colocado a seguir, após a passagem na quarentena. Estes animais podem estar saudáveis, debilitados ou até mesmo com doenças infectocontagiosas, o que torna esta avaliação inicial ainda mais importante, porque além de ter um cuidado com este novo animal, é também um cuidado com os animais já presentes no abrigo. Nesta avaliação inicial, os animais serão vacinados, e se realizará o controle de ectoparasitas e endoparasitas e,

posteriormente, realizarão a castração em um período a decidir de acordo com cada abrigo⁴.

O médico veterinário responsável deverá, independentemente da presença de morbidade ou não, colocar os novos moradores em quarentena, em setor separado dos demais do abrigo, por no mínimo 10 dias para cães e 14 dias para gatos. Se for detectado qualquer sinal clínico de doença infectocontagiosa, este animal deverá permanecer em isolamento por no mínimo 21 dias, também em setor separado dos demais do abrigo. Assim que o período mínimo de quarentena acabar, estes animais devem passar por uma nova avaliação médico-veterinária, sendo colocados em quarentena por mais dias, caso seja necessário, ou realocados para outros setores do abrigo.

Para maior controle sanitário dos abrigos, os mesmos devem ter protocolos de limpeza e desinfecção dos recintos. Dependendo do número de animais em cada recinto, deve-se montar um protocolo específico de limpeza, diariamente^{4,12}. Neste protocolo deve constar a idade dos animais e seu estado de saúde, o uso de detergentes e produtos químicos eficazes para realizar a desinfecção,

De forma sintetizada, o manejo higiênico deve seguir uma ordem para evitar a exposição de animais susceptíveis. Dessa maneira, deve começar a limpeza pelos recintos:

1. Filhotes, fêmeas gestantes e lactantes saudáveis
2. Idosos saudáveis
3. Adultos saudáveis
4. Animais doentes.

A limpeza e desinfecção deve ser composta de 3 etapas:

1) Retirada mecânica dos resíduos sólidos visíveis (fezes, restos de comida), pois a maioria dos produtos detergentes e desinfetantes são parciais ou completamente inativados na presença de matéria orgânica;

2) Lavagem com água morna a quente e detergente, garantindo remoção de 90% dos patógenos ambientais, seguida de enxágue com água;

3) Desinfecção com produto desinfetante, o qual deve ser aplicado sobre as superfícies previamente limpas, sem resíduos de matéria orgânica e detergente, pois ambos podem reduzir a eficácia do produto. O desinfetante é utilizado contra patógenos específicos, de acordo com sua concentração e tempo de ação. O ideal é que os animais

sejam retirados do local durante a limpeza, para evitar possíveis consequências do contato com o produto.

No *QR code* ao lado pode ser acessado a lâmina retratando de forma simples e visual sobre o passo a passo do Manejo Higiênico de Abrigos de Cães e Gatos confeccionado pela UFPR em parceria com o Instituto PremieRpet.



DESTINO DOS ANIMAIS LEVADOS AO ABRIGO



Fonte: Confeccionado pelo aplicativo Canva.

Abrigos são locais de reabilitação, ressocialização e reintrodução de animais na sociedade. Não devem ser um lar permanente, sendo então considerado um local de passagem. Os abrigos podem ser sustentados e dirigidos por diversas organizações, como as governamentais, as privadas, e até mesmo possuir caráter misto¹².

Além de proporcionar cuidados veterinários adequados para os animais, assim como seu bem-estar, os abrigos devem possuir programas de adoção, educação com relação à guarda responsável, dentre outros^{4,12}. Os programas de adoção devem ter por objetivo a recolocação dos animais na sociedade, por meio de lares definitivos, assim que possível⁴.

Junto com o programa de adoção, os abrigos podem realizar ações de acompanhamento dos animais já adotados. Para que assim possam garantir o bem-estar dos mesmos¹². Os abrigos devem sempre ter a preocupação de que os lares definitivos

sejam ideais para a reintrodução desses animais debilitados, seja física ou mentalmente. O lar definitivo deve ser um ambiente acolhedor e seguro, deve proporcionar o desenvolvimento e/ou reestabelecimento da saúde dos animais. Os lares definitivos também têm por obrigação não comprometer as cinco liberdades dos animais^{12,13}.

Sendo assim, se torna importante a compreensão de que os abrigos de animais são locais de cuidados, para animais em risco, privados de bem-estar¹². Os abrigos não devem se tornar lares permanentes para que assim possam continuar atendendo outros animais necessitados⁴.

MANUTENÇÃO DO ABRIGO



Fonte: Confeccionado pelo aplicativo Canva.

As instituições de abrigos de animais enfrentam muitos desafios desde o acolhimento dos animais carentes, superlotações, necessidade de apadrinhadores e doações mensais para o pagamento de despesas com alimentação, banho, medicamentos, roupas, vacinas, materiais de limpeza, colchões, dentre outras carências necessária para manutenção de um local adequado para promover o bem-estar dos animais e dos funcionários. Portanto, é fundamental que as pessoas que estão a frente destas instituições administrem bem estes recursos e se atentem a capacidade máxima de cuidados que o abrigo suporta para que não ocorra superlotação ou falta de alimento²⁶.

Para conseguir recursos financeiros público, os grupos de abrigos precisam estar devidamente registrados e ter CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica). É por meio dessa certificação que ONGs conseguem oportunidade de adquirirem desde terrenos

para a sede própria até outros benefícios para a manutenção do abrigo, com recursos custeados pelos órgãos governamentais²⁶.

Devido à grande quantidade de questões a serem consideradas, deve-se também considerar a disponibilidade de recursos para arcar com as despesas de manutenção dos abrigos anualmente, para que não ocorra problemas e frustrações futuras. Até mesmo as organizações de proteção animais mais experientes e que dispõem de mais recursos estão propensas a erros desde o manejo a superlotação de animais nestes abrigos⁴.

Dessa forma, um planejamento inadequado e uma estimativa equivocada do comprometimento financeiro e das exigências operacionais podem ter efeitos desastrosos. Além disso, a falta de experiência e a insuficiência de recursos podem comprometer seriamente o bem-estar dos animais nos abrigos. Doenças, superpopulação, conflitos sociais, acomodações inadequadas e falta de exercícios são problemas comuns nos abrigos e, se a estadia for longa demais, os cães e gatos podem se tornar “institucionalizados”, ou seja, se tornam integrantes permanentes desses abrigos, o que, além de ser um local inadequado para permanecer períodos longos, dificulta sua adoção^{4,13}.

O apadrinhamento é um movimento solidário de modo que os protetores ou abrigos conseguem recursos financeiros do público externo que se compromete a custear gastos com cada animal. Nesse caso, basta escolher um animal não adotado e realizar envio de ração, medicamentos, ou uma contribuição em dinheiro, de forma mensal ou pontual. Assim, além de ser uma atitude nobre, esses padrinhos contribuem para o bem-estar do animal e em amenizar os gastos do abrigo²⁷.

Esse tipo de trabalho funciona apenas por meio de recursos financeiros, onde tudo é pago, o que explicita que por mais que a imagem de projetos sociais desse perfil seja relacionada a uma imagem quase que puramente empática, envolvem muitos fatores que não estão relacionados ao âmbito emocional. Independente da abordagem das ONGs, a questão financeira é essencial para a continuidade dos projetos²⁸.

Percebe-se, então, que a administração monetária dos projetos não é apenas um problema que é tratado como uma questão da instituição. Mas também é relacionado à vida particular dos voluntários mais engajados, estes muitas vezes pagam os custos dos projetos com dinheiro pessoal²⁹.

É necessário ressaltar que por mais que haja a possibilidade de negociação com alguns parceiros, essas dívidas não podem ser postergadas sempre e não como há como

eliminar boa parte delas. Sendo a verba utilizada em fatores essenciais, como alimentação e cuidados com a saúde ²⁷.

COMO AJUDAR ABRIGOS?



Fonte: Confeccionado pelo aplicativo Canva.

Como uma pessoa física ou jurídica pode ajudar uma instituição de abrigos de animais:

- Adotando um animal;
- Apadrinhando financeiramente um cão ou gato;
- Participando do mutirão de banho;
- Doando ração, medicamentos, materiais de limpeza, notas fiscais etc.;
- Doando roupas, brinquedos, utensílios domésticos, e outros produtos novos e seminovos para serem vendidos no bazar;
- Sendo voluntário nos eventos;
- Ajudando no pagamento de procedimentos ou consultas;

- Doando coleiras, tigela para alimentação, cama e outros objetos para os animais;
- Visitando e brincando com os animais;
- Dentre outras atividades alinhadas com o abrigo.

Desta forma, a ajuda deve ser combinada especificamente com cada ONG para ver qual a melhor forma e maneira de garantir melhorias para o abrigo e os animais.

Considerações Finais

Com este e-book foi possível concluir que o bem-estar animal em abrigos envolve diversos aspectos. De maneira geral, é importante que os abrigos de animais estejam alinhados à ciência de Medicina de Abrigos e apliquem todos os aspectos que são envolvidos para garantir as necessidades dos animais, ou seja, tanto os aspectos higiênico-sanitários quanto os aspectos que envolvem a expressão dos comportamentais naturais, pois só assim será possível garantir a saúde física e mental deles adequadamente.

A manutenção de um abrigo é árdua e requer planejamento prévio adequado a partir de auxílios técnicos de profissionais capacitados, dessa maneira, deve-se avaliar todos os aspectos necessários para promover um abrigo estruturado, organizado, priorizando ações para a qualidade de vida dos animais, dos funcionários, gestores e todos os envolvidos.

Referências

1. BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F. M. **Bem-estar animal: conceito e questões relacionadas - revisão.** *Archives of Veterinary Science*, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2004.
2. SOUZA, F. P. Guia técnico para construção e manutenção de abrigos e canis. Curitiba: CRMV-PR, 2016. 35 p.
3. GALDIOLI, L.; FERRAZ, C. P.; LIMA, L. C. F.; GARCIA, R. C. M. Medicina de abrigos – desafios e avanços no Brasil. *Revista Clínica Veterinária*, v. 144, p. 28-34, 2020.
4. FORUM NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA ANIMAL. **Bem-estar animal em abrigos de cães e gatos**, [2010]. Disponível em: <<http://www.agrarias.ufpr.br> > Acesso em: 09/07/2020.
5. OGOSHI, R. C. S.; REIS, J. S.; ZANGERONIMO, M. G.; SAAD, F. M. O. B. **Conceitos básicos sobre nutrição e alimentação de cães e gatos**, *Ciência Animal*, Minas Gerais p. 64-75, jun. 2015.
6. LOPES, L. R. Manejo de doenças infecciosas em gatos de abrigos, Porto Alegre, 2013, 59p. Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95096/000917526.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13/09/2020.
7. SAAD, F. M. O. B.; FRANÇA, J. Alimentação natural para cães e gatos, **R. Bras. Zootec.**: Viçosa, v. 39, jul. 2010. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-35982010001300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 12/09/2020.
8. LUZ, M. R.; FREITAS, P. M. C. A sobrevivência neonatal canina começa com os cuidados antes e durante a gestação, **Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Reprodução Animal**: Gramado- RS, 15 a 17 de maio de 2019. Disponível em:<[http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v43/n2/p334-339%20\(RB822\).pdf](http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v43/n2/p334-339%20(RB822).pdf)>. Acesso em: 12/09/2020.
9. LAZZAROTTO, J. J. REVISÃO DE LITERATURA RELAÇÃO ENTRE ASPECTOS NUTRICIONAIS E OBESIDADE EM PEQUENOS ANIMAIS, **R. Un. Alfenas**, Alfenas, p.33-35, 1999.
10. ANDRIGUETTO, J. M.; PERLY, L.; MINARDI, I.; GEMMEL, A.; FLEMMING, J. S.; DE SOUSA, G. A.; BONA FILHO, A. Nutrição animal: bases e fundamentos da nutrição animal – Os Alimentos, **Editora: NOBEL**, São Paulo, v.1 2002.
11. BAPTISTA, R. I. A. A. MOURA, F. M. L. MOURA, R. T. D. BARBIERI, S. TAVARES, M. H. B.SANTOS, T. O. dos. **Construção e uso de instrumentos de enriquecimento ambiental com materiais recicláveis em abrigo de gatos domésticos.** *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 15, n. 1, p. 74-75, 1 jan. 2017.
12. ARRUDA, E.C. NORONHA, J. MOLENTO, C.F.M., GARCIA, R.C.M, OLIVEIRA, S.T. **Características relevantes das instalações e da gestão de abrigos públicos de animais no estado do Paraná, Brasil, para o bem-estar animal.** *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.*, v.71, n.1, p.232-242, 2019.
13. OLIVEIRA, F. E. GOMES, L. **Centro de abrigo para animais abandonados.** *UNIFACIG: Arquitetura e Urbanismo*, 2019.
14. MONTEIRO, T. A. M. COSTA, R. J. V. SILVA, E. C. F. FARIA, M. P.; ZAQUEU, F. S.; LUZ, A. F. P. SEIXAS, J. N. **Enriquecimento ambiental para uso em canis – uma experiência obtida em um abrigo localizado no município De Lavras, estado de Minas Gerais, Brasil.** *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 15, n. 3, p. 84-85, 1 mar. 2017.

15. PFUETZENREITER, M. R.; ZYLBERSZTAJN, A.; PIRES, F. D. A. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública, **Cienc. Rural**: Santa Maria, v.34, n.5, set.- out. 2004. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/S0103-84782004000500055>>. Acesso em: 13/09/2020.
16. LOPES, L. R. Manejo de doenças infecciosas em gatos de abrigos, Porto Alegre, 2013, 59p. Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95096/000917526.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13/09/2020
17. NUNES, I. C. C. Hipótese da Higiene: persistir é preciso! **Rev. bras. alerg. Imunopatol**, v. 34., n.2, 2011.
18. LOPES, L. R. Manejo de doenças infecciosas em gatos de abrigos, Porto Alegre, 2013, 59p. Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95096/000917526.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13/09/2020
19. STROTLMANN, D. M.; SCORTEGAGNA, G.; KREUTZ, L. C.; BARCELLOS, L. J. G.; FRANDOLOSO, R.; ANZILIERO, D. Diagnóstico e estudo sorológico da infecção pelo parvovírus canino em cães de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, **Cienc. Rural**: Santa Maria, v.38, n.2, mar. – abri. 2008. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0103-84782008000200017>>. Acesso em: 14/09/2020.
20. MELLO, F. C.; AMARAL, G. A. C.; RODRIGUES, C. F. M. ASPÉCTOS CLINICOPATOLÓGICOS DA CINOMOSE EM CÃES, Periódicos Semestral, Ano VI , n.10, 5p. jan. 2008.
21. SILVA, A. V. M.; PAULA, A. A.; CABRERA, M. A. A. CARREIRA, J. C. A. Leishmaniose em cães domésticos: aspectos epidemiológicos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p.324-328, jan.-fev., 2005. Disponível em:<<https://www.scielo.org/article/csp/2005.v21n1/324-328/>>. Acesso em: 14/09/2020.
22. FERRARI, M. L. O. P.; PRADO, M. O.; OPIGOLON, Z. SARNA SARCÓPTICA EM CÃES. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, ano VI, Periódicos Semestral,5p., n.10, jan. 2008. Disponível em:<http://www.faeff.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/AUdNLklSkIIPgw4_2013-5-28-12-30-41.pdf/>. Acesso em: 14/09/2020.
23. BATISTA, H. B. C. T.; FRANCO, A. C.; ROEHE, P. M. Raiva: uma breve revisão v.25, n.2, 20p. 2007. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/ActaScientiaeVeterinariae/article/view/15959> />. Acesso em: 14/09/2020.
24. VIEIRA, T. A.. Alimentos e alimentação de cães e gatos. 2014. 32 f. Monografia (Graduação em Zootecnia)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em:<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35417>>. Acesso em: 13/09/2020.
25. IAGRO. **Câmara setorial do Mapa debate orientações da OIE para população canina**. Publicado:3/dezembro/2015. Disponível em:< <https://www.iagro.ms.gov.br>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.
26. PEREIRA, M. **Entenda como funciona uma ONG e quais as exigências para formalização**. G1 Grande Minas, publicado em 16 jul. 2019, Disponível em:<<https://g1.globo.com>> Acesso em: 08 de jul. 2020.
27. CATRACA LIVRE. **Diferentes formas de ajudar animais abandonados**. Postado em: 22/10/2019. Disponível em:<<https://catracalivre.com.br>>. Acesso em : 09 jul. 2020.
28. ARENT, G. C. A.; SANTOS, G. A.; SILVA, G. M.; MONTEIRO, P. P. **Assistência para animais abandonados: Processos logísticos envolvidos**. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br>>Acesso em: 09 jul. 2020.
29. MONTEIRO, T. A. M. COSTA, R. J. V. SILVA, E. C. F. FARIA, M. P.; ZAQUEU, F. S.; LUZ, A. F. P. SEIXAS, J. N. **Enriquecimento ambiental para uso em canis – uma experiência obtida em um abrigo localizado no município De Lavras, estado de Minas Gerais, Brasil**. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 15, n. 3, p. 84-85, 1 mar. 2017.

Glossário e abreviaturas

Anamnese	É um conjunto de questionamentos realizados por um profissional da saúde, visando obter informações sobre a história atual e anterior do paciente.
Antissepsia	É o processo que visa reduzir ou inibir o crescimento de microrganismos na pele ou nas mucosas.
Assepsia	É o termo para definir a ausência de microrganismos patogênicos
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
Desinfecção	É um processo aplicado a uma superfície inanimada para a eliminação de microrganismos
FeLV	Vírus da Leucemia Felina
FIV	Vírus da Imunodeficiência Felina
FPV	Vírus da Panleucopenia felina
IMC	Índice de massa corpórea
Imunização	Aquisição de proteção imunológica para a resistência de um indivíduo contra infecções, comumente realizada através de vacina e soro de anticorpos.
OIE	Organização Mundial de Saúde Animal
ONG's	Organizações Não Governamentais
PIF	Peritonite infecciosa Felina

